

Reino Unido aposta na nova indústria verde

Berço da Revolução Industrial no século 18, o Reino Unido pretende agora traçar uma nova rota de desenvolvimento baseada na exploração de tecnologias limpas e energias renováveis. Consciente das ameaças relacionadas ao seu atual modelo de produção e consumo, altamente dependente de combustíveis fósseis, o país decidiu tomar a frente na transição para uma economia de baixo carbono. Para a missão de tornar o Reino Unido o centro dessa nova indústria verde, o governo britânico incumbiu Ed Miliband, seu jovem ministro de energia e mudanças climáticas.

Em outubro de 2008, há apenas 13 dias no novo cargo, ele anunciou que o Reino Unido reduzirá em 80% as suas emissões de gases de efeito estufa até 2050.

As medidas para alcançar esse objetivo foram detalhadas no Plano de Transição de Baixo Carbono, que definiu orçamentos de CO₂. Assim, cada departamento do governo deverá elaborar seu próprio plano para cumprir as metas de redução de emissões estabelecidas.

Na introdução do documento, Miliband reforça que haverá custos nessa transição para o

desenvolvimento de baixo carbono. Mas eles serão de longe superados pelas despesas decorrentes da inação ante às mudanças climáticas. "A tarefa do governo é minimizar os custos e distribuí-los de maneira justa. Esse é o motivo

de estarmos comprometidos em direcionar a eficiência energética, assegurando uma regulação forte e oferecendo suporte extra aos mais vulneráveis", ressalta.

Em visita ao Brasil no mês de agosto, Miliband se encontrou com lideranças brasileiras como Carlos Mine, ministro de meio ambiente, e o especialista em mudanças climáticas Carlos Nobre. Em palestra conferida na Universidade de São Paulo, o representante do governo britânico advogou em defesa de um compromisso global para combater as mudanças climáticas. Para

tanto, ele aposta no reforço à idéia de interdependência. "Os ingleses podem não ter muito em comum com as pessoas que vivem no Xingu, na floresta amazônica, mas terão que ajudar a encontrar formas para que essas comunidades se desenvolvam de forma sustentável. Do contrário não conseguiremos combater o aquecimento global e a vida de todos, em particular



de nossos filhos e netos, será muito pior do que é hoje", afirma.

Ele defende que os países desenvolvidos liderem a busca de formas de desenvolvimento mais limpas, justamente pela sua responsabilidade histórica de emissões. Mas não consegue vislumbrar uma economia de baixo carbono sem a participação ativa de países emergentes, que, com o suporte dos desenvolvidos, deverão buscar formas de crescer de forma sustentável.

Antecipando a sua posição nas negociações na Conferência do Clima, a ser realizada em dezembro, o departamento de energia e mudanças climáticas do Reino Unido lançou em junho o relatório *A caminho de Copenhague*. O país prega a efetivação de esquemas de comércio de carbono setoriais, assim como uma maior integração entre os já existentes nas nações desenvolvidas, permitindo que mais países em desenvolvimento tenham acesso a financiamento de projetos de tecnologias limpas.

A seguir, confira uma síntese das propostas de Ed Miliband junto ao governo britânico, assim como suas impressões sobre o Brasil.

MOMENTO DE RUPTURA

A crise econômica e sua ameaça a alguns aspectos do modelo econômico dos países desenvolvidos faz com que repensemos nosso estilo de vida e o tipo de economia que queremos construir. Concordo que as nações industrializadas

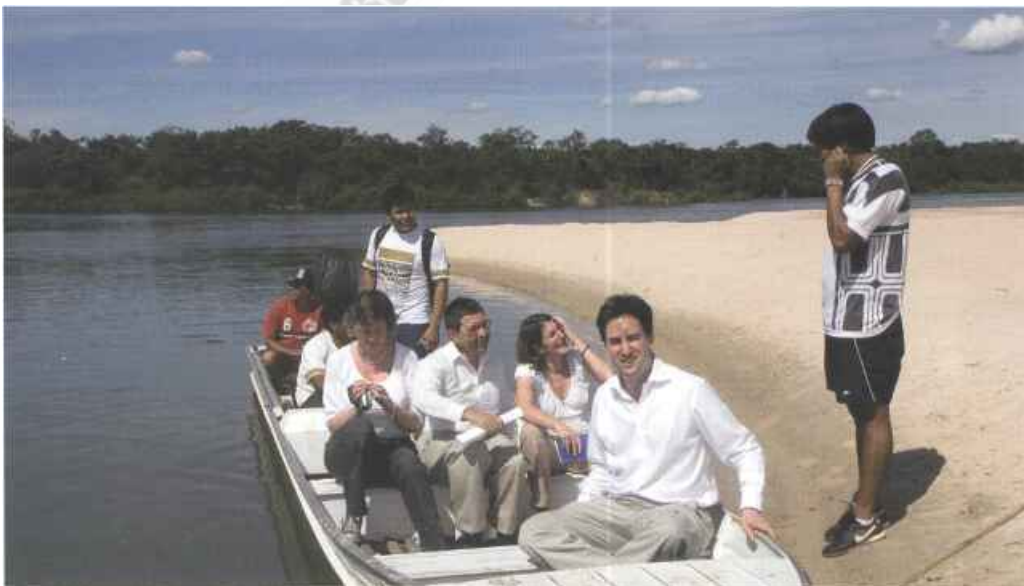
sejam responsáveis por grande parte desse problema. Mas também é verdade que nos próximos 20 anos, cerca de três quartos das emissões de carbono serão provenientes dos países em desenvolvimento. Os países desenvolvidos têm a sua responsabilidade histórica, mas as economias emergentes, devido à sua necessidade de crescimento e de tirar milhões de pessoas da pobreza, também serão responsáveis se não mudarem seus padrões de crescimento no futuro.

EMISSIONES NA BALANÇA

O Reino Unido foi o primeiro país a estabelecer, juridicamente, uma meta de redução de 80% nas emissões até 2050. Com esse novo compromisso, as emissões cairão em torno de 1,4% anualmente, contra a média de 1% ao ano que vinha sendo registrada desde 1990. O Reino Unido já avançou bastante até agora. As emissões caíram 21% em relação aos níveis de 1990, quase o dobro do que havia sido prometido em Kyoto. Além disso, mais de 800 mil pessoas estão empregadas no setor de baixo carbono.

EMPREGOS VERDES

Uma das principais maneiras pelas quais o Reino Unido pretende cumprir seus orçamentos de carbono é o compromisso, estabelecido por lei, de obter 15% de toda a sua energia — para eletricidade, aquecimento e transporte — de fontes renováveis até 2020. Para dar início a esse



processo de mudança, o governo está agora lançando a Divisão para o Emprego de Energia Renovável com o objetivo de desenvolver novas cadeias de fornecimento, assim como novos postos de trabalho.

ENERGIA DE BAIXO CARBONO

Um dos pontos centrais do Plano de Transição de Baixo Carbono é a obtenção de 40% da eletricidade consumida no Reino Unido a partir de fontes de baixo carbono até 2020. A implementação desse plano inclui políticas como o aumento substancial da venda de eletricidade renovável exigida dos fornecedores de eletricidade. A estratégia do governo contempla ainda o financiamento de até quatro demonstrações de captura e armazenamento de emissões de usinas de carvão. Também pretende facilitar a construção de novas usinas de energia nuclear.

POLÍTICA DE INCENTIVOS

O governo britânico também experimentará planos *pay as you save* (pague à medida que economize) para ajudar as pessoas a tornarem suas casas mais "verdes" — o dinheiro economizado nas contas de eletricidade será utilizado para cobrir os custos iniciais do programa. Também aumentará a obrigação que os fornecedores de energia têm de ajudar os cidadãos a reduzir suas emissões e economizar energia em até 20%, entre

abril de 2008 e março de 2011, de forma que sejam investidos 3,2 bilhões de libras. Nesse programa, seis milhões de lares já foram assistidos desde 2002. Mas agora a obrigação será estendida até o fim de 2012, e espera-se que 1,5 milhão de casas adicionais sejam beneficiadas. Ainda nessa linha, o governo passará a realizar programas de reembolso por energia limpa para que indivíduos, empresas e comunidades sejam pagos por utilizarem fontes de baixo carbono para aquecimento e geração de eletricidade. Uma casa com painéis solares bem instalados poderá receber mais de 800 libras e ainda estará economizando em torno de 140 libras por ano.

VANGUARDA

A transição para uma economia de baixo carbono nos dá a oportunidade de liderar a indústria de tecnologias limpas no futuro. Na área de captura e armazenamento de carbono, por exemplo, podemos direcionar os esforços e a infraestrutura para novos focos industriais sustentáveis e obter o conhecimento de engenharia para ganhar contratos de instalação em outros países. No sentido de tornar o Reino Unido um centro da indústria verde, o governo destinará 120 milhões de libras ao desenvolvimento de projetos de energia eólica e outros 60 milhões de libras para solidificar a posição do país como um líder global em energia marinha.



TRANSPORTE

O Reino Unido cortará cerca de 40% da média de emissões de carbono dos novos carros na União Européia em relação a 2007, apoiando o maior projeto do mundo de demonstração de novos carros elétricos. Também assegurará que 10% da energia utilizada em transportes no país sejam provenientes de fontes renováveis sustentáveis até 2020. Diante do grande impacto do segmento de aviação, também consideramos a hipótese de incluí-lo no sistema de *Cap and Trade* a fim de estabelecer metas e incentivos para redução das emissões de carbono.



ACORDO CLIMÁTICO

Para limitar o aumento da temperatura em 2°C, as negociações em Copenhague devem visar um acordo capaz de estabelecer uma trajetória de redução das emissões globais em pelo menos 50% — em relação aos níveis de 1990 — até 2050. Medidas também devem ser tomadas para garantir que as emissões comecem a diminuir a partir da próxima década.

Isso significa que os países desenvolvidos precisam liderar esse movimento, assumindo metas para reduzir suas emissões em 80% até 2050. As negociações também devem apresentar formas de direcionar investimentos em energias limpas, na preservação de florestas e nas adaptações do uso da terra. Por isso, o Reino Unido defende o desenvolvimento global do mercado de carbono para estimular a redução das emissões de uma forma economicamente viável, assim como proporcionar financiamento para projetos de desenvolvimento limpo nas economias emergentes.

COMPROMISSO

BRASILEIRO

Acredito que a China agora queira um acordo, assim como os Estados Unidos. Isso é importante. Mas acho que também há um papel reservado ao Brasil nessa discussão. Se o País chegar à mesa de discussões e expor questões como a necessidade de um acordo no horizonte de 2020, mostrando um plano ambicioso de ação e ao mesmo tempo as ne-

cessidades de financiamento para fazer mudanças na sua economia e inventário de emissões, acredito que mandaria uma poderosa mensagem ao mundo. Trata-se de um momento de oportunidade para o Brasil.

RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

É fácil deixar as responsabilidades para os governos. Mas todas as evidências da história, inclusive brasileira, mostram que se deixarmos a mudança para os políticos nos decepcionaremos. Essa talvez não seja a fala mais apropriada para um político e não há desculpa para abdicarmos de nosso papel. No entanto, há um chamado para que as pessoas também demonstrem liderança e se mobilizem por elas mesmas. Em parte, a ansiedade em relação à situação atual ocorre pela dificuldade de negociar essas questões, mas também porque a negociação das mudanças climáticas continua circunscrita ao grupo de articuladores de governo. Vivemos um momento difícil, mas que ao mesmo tempo nos dá a chance de repensar nossa economia e nossos próximos passos no futuro. Essa responsabilidade diz respeito a todos nós de diferentes maneiras.

Anúncio